Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal (P. A.) **Class.:** Guarani / Geral 14

Data: 24 de abril de 1990 **Pg.:**

JOÃO MALATO

Índios comedores de gente

É oportuno comentar o sensacional comunicado, há dias divulgado pelo "O Liberal", de que o "Instituto Anchietano de Pesquisas", da importante cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, acabou por desvendar e esclarecer, definitivamente, a velha controvérsia científica dos hábitos antropofágicos dos indígenas brasileiros, comprovando-se que eles sempre fizeram uso do canibalismo, não só como reforço alimentar dos mais apreciados, mas em obediência a uma velha crendice atávica de que a carne humana, principalmente a medula óssea, teria o privilégio de aumentar o vigor físico e a longevidade de quem a comia.

E é o próprio padre Pedro Ignácio Schmitz, diretor-presidente daquela instituição, — considerada como a entidade de maior prestígio continental no ramo da pesquisa antropológica — quem comparece diante da ciência universal, para afirmar, sem ambages, e baseado em documentários irrefutáveis, de que "os mais importantes povos autóctones do Brasil entregavam-se aos prazeres do canibalismo".

Segundo o aludido sacerdote, a grande nação "Guarany", cujos componentes excediam de trezentos mil indivíduos e teve os seus principais alojamentos no atual município da Candelária, à 192 quilômetros de Porto-Alegre, fez uso secular da antropofagia, da qual se nutriram até aos fins do século passado, quando os seus remanescentes se espalharam pelas demais regiões brasileiras, — forçados pelo ciclo civilizador que lhes vinha da Argentina e do próprio Rio Grande.

Há 15 anos que o Instituto Anchietano realizava escavações acuradas nas áreas dos antigos aldeamentos indígenas, conseguindo recolher um materia vasto e precioso, que veio confirmar as suposições documentadas, já existentes, da antropofagia que predominava entre os nossos aborígenes, o que veio derrubar a suposição meramente literária, criada por José de Alencar, Carlos Gomes e outros criadores de ficções sobre os usos e costumes dos nossos silvícolas.

Dentre o material recolhido pelos pesquisadores do Instituto gaúcho e que soma 36 mil peças, o mais impressionante foi a metade de um homem adulto, fraternalmente partilhado entre três fogões de três cabanas, o que dava idéia do banquete de que a vítima tinha sido objeto. Dos ossos recolhidos, quase todos se apresentavam decepados, numa comprovação de que os canibais eram grandes apreciadores do tutano das suas vítimas.

Ou porque os guaranis levaram o seu hábito alimentar para outras tribos brasileiras, inclusive as da Amazônia, registra-se o fato de que a indiada da região do Rio-Mar, também se entregava ao prazer gastronômico de almoçar e jantar, não só os seus inimigos, como os seus próprios companheiros de aldeamento, como afirma o padre Pedro Inácio Schmitz, ao narrar que "sempre que uma família indígena via um de seus membros ser morto, moqueado e comido pela tribo inteira, fazia voto de vingança, até conseguir matar, por sua vez, o inimigo assassino, para comê-lo assado.

Da antropofagia dos índios amazônicos, os registros mais recentes envolvem o nome do coronel britânico Fawcett, que alimentando o sonho aventureiro de descobrir no centro da floresta de Mato-Grosso, os restos arruinados da lendária cidade submergida de Atlântida, viajou, em 1925, para a Amazônia, e aí internou-se, com a sua comitiva, em plena selva, nunca mais dando notícias do seu rumo e do seu itinerário, a despeito do bom serviço telegráfico e informativo de que dispunha. Somente dez anos depois, uma nova expedição chefiada e organizada pelo seu filho Fawcett Junior, veio esclarecer o mistério daquele desaparecimento, com a identificação das ossadas carcomidas e com vestígios do festim canibalesco em que Fawcett e seus companheiros serviram de repasto, em uma das malocas dos terríveis índios de Mato-Grosso.

Deve fazer dois anos que um grupo de pesquisadores, em que se incluiam dois padres católicos, foi vítima da cilada dos silvícolas iakiris, (ou que nome tenham) nas proximidades de Manaus, e que os chacinaram, torpemente, só escapando dois dos pesquisadores, que conseguiram chegar à capital amazonense e lá relataram o que lhes aconteceu, com a clara suposição de que seus infelizes companheiros serviram de pasto a um regabófe da indiada.

Em Rondonia, é generalizada a versão de que os "Cintas-Largas", que habitam as matas do Guaporé, sempre foram grandes apreciadores da carne humana, quer originária de inimigos, quer dos seus próprios companheiros de taba.

Agora, as revelações do Instituto Anchietano, esclarecem todas as dúvidas...